

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

**Entrevistados: Sebastião Soares Pereira, Maria Rodrigues de Souza Soares,
Domingos Ramos Soares**

**Comunidade Sabará, município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas
Gerais**

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto e não sai mais nada – Entrevista de Sebastião Soares Pereira, Maria Rodrigues de Souza Soares, Domingos Ramos Soares. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto e não sai mais nada

Nos relatos dos moradores da comunidade de Sabará, chama a atenção a insistência no tema da falta de água. Afinal, eles viveram tempos de mais abundância quando o rio Sabará alimentava tudo: terras, hortas, animais e famílias. Mas não se deixam abater e trabalham até hoje, apesar da idade, como atesta seu Domingos. “Eu vivo da roça até hoje. Ainda mexo com milho e tenho duas vacas. Mas agora não tem capim para elas, então, preciso comprar uma raçozinha, e vamos levando a vida.”

Dona Maria também traz suas lembranças de um tempo mais farto. “Na época do meu pai, eu lembro dos canaviais. Tem vezes que olho e penso que foi um sonho. Antes tinha jambeiro, laranjeira, mangueira. A gente apanhava jambo assim por cima das casas”. Por conta da falta de água, até as manifestações culturais se esvaziaram. “Na Festa do Divino, antes chegava aquele tanto de gente na sua casa. Rezava o terço, depois cantava o Nove, dançava Roda. Agora, tem vez que chegam três pessoas, um com a caixa, outro recebendo o dinheiro e outro para o Divino Espírito Santo.”

Como está a comunidade de Sabará hoje?

Sebastião – O que a gente conheceu de Sabará hoje só tem o nome. Porque a maior riqueza que nós tínhamos era a água. Hoje você olha, da cabeceira até a barra, só tem areia. Uma hora tem água e outra não tem. Antes você via de tudo, roça de milho, de mandioca, feijão. E hoje não produzo, porque a gente não tem aquele reforço. Fui nascido em Capoeirinha, essa aqui também é minha comunidade. Eu tenho um terreninho ali em cima, uma rocinha, mas não aproveito porque não tem água. Já tem uns 15 ou 20 anos que está lá parado, eu não posso movimentar, porque não tem.

Sabará na mesma situação. Então eu uso uma mina, que é uma riqueza que Deus deixou para nós. Ela não corre mais do que dessa quantidade da posição de meu dedo. Mas ela abastecia, acho que umas noventa famílias. Veio encurtando, acabando, acabando, e hoje abastece umas 13 famílias, e eu estou nesse meio. Às vezes a gente tenta um

recurso, ou espera que o tempo melhore. A estrada para descer no meu terreno, dá uns 500 a 600 metros, às vezes eu pelejo e não consigo.

Então, é assim, se eu depender de uma pipa d'água, eu tenho que carregar o tambor na cabeça, porque não vai no meu terreno. E não sou só eu, essa prioridade está para todos. A estrada, do transporte escolar, de dezembro para cá tem um trecho dela que só passa moto ou um carrinho pequeno. Um caminhão não pode passar.

E faz quanto tempo que a água parou de aparecer lá?

Sebastião – Ah, não tenho nem ideia.

Domingos – Estou com 63 anos, quando nasci, a água corria no terreno de casa. Nós tínhamos arrozal em casa. Eu nasci em 1952, desde os treze anos de idade eu saí para trabalhar, meu pai não tinha condição de mexer com nada, então saí para São Paulo. Mas naquele tempo, ao redor de casa era só água, em tudo que era grota. Hoje não tem água para um mosquito beber, não existe. Sabará acabou e vai só acabando.

Em função dessa seca, vocês entendem que tem muita gente que sai da comunidade?

Domingos – Já saiu foi muito, já acabou, pode contar os moradores que ficaram. Só os mais velhos que ficam, os mais novos saíram.

Sebastião – Da minha casa para baixo, hoje, só tem quatro moradores. Saiu tudo por conta dessas crises. Nós estamos ali num pedaço, onde já é Sabará, onde ele mora, estamos em sete famílias, o resto você só vê casa fechando.

Maria – Eu sou viúva, era casada com um tio dele. Tem 27 anos que meu marido morreu, sou a mulher mais sofredora de Sabará. Moro sozinha, não tem água. Tem um poço artesiano em Sabará, para dar água para todos, e deu água para 13 famílias, e eu fiquei jogada. Eu não tenho água não. Se Roni não levar água de pipa para mim, eu morro de sede. Sou doente. Foi colocado no papel pedindo água para 30 famílias, e só tem 13 bebendo dessa água.

Eu sou mãe de dez filhos, mas Deus tirou dois, tenho oito filhos em São Paulo, moro sozinha. Quando meu marido morreu fiquei com nove filhos para criar, tinha uma menina de seis meses. Mas nesse tempo eu trabalhava, tinha saúde, as coisas davam, a

água era boa, tinha o Sabará lá que era famoso, passava perto da casa desse compadre. Hoje está seco de pegar areia. A gente só vê água assim, choveu hoje, correu, amanhã esteou, acabou. Hoje a gente só tem a “caixa de goteira”, e é com ela que nós remediamos com a água. Mas ela não dá conta de a gente usar um ano, dois. Ela acaba.

A água a gente bebe, dá para as galinhas, lava roupa, ela acaba. E quando acaba, tem vezes que eu venho até aqui com tambor de água para fazer comida. Mas agora eu não pego mais, porque sou mulher que não aguenta nem mais quatro quilos. Se eu pegar qualquer peso, eu não durmo de noite, com dor nas cadeiras. E não tenho, não porque não tem no poço artesiano, tem, mas fui eu que ficou fora disso.

Vocês comentaram de já ter tido cerca de 30 famílias em Sabará, quantas famílias tem lá hoje?

Maria – Tem umas 23 famílias, mas a água só tem para 13 famílias.

Sebastião – Mas ele quer saber de antes, e não dá nem para contar.

Maria – Tem casa que foi largada porque não tinha água. Lá tem casa fechada que a gente olha e o coração dói, de ver a casa que o pessoal trabalhou para ficar e não pode ficar. E tem casa lá que se a pessoa adoecer e morrer, dá trabalho para tirar, porque não tem estrada. O carro que leva os meninos para estudar, antes descia para fazer a volta lá, mas hoje não faz.

Sebastião – Tem lá um barranco que caiu em dezembro no meio da estrada. Nós tiramos um trecho de enxada, mas só passa carro pequeno, e é difícil. A tal ponte pequena que caiu.

A gente gostaria de falar também sobre manifestação cultural, como vocês disseram, lá era mais habitado, embora agora tenha diminuído, também em função desses problemas. Mas sobre as manifestações culturais, de danças, festas, tem alguma coisa que é marcado em Sabará, que sempre acontece? Como era na época que tinha essas famílias todas lá e como é hoje nesse sentido?

Sebastião – Antes, as festas que a gente conhecia, que acontecia lá, tinha O Nove, Caboclo, Roda, Batuque e a Folia do Divino.

Domingos – A Folia do Divino era uma festa grande lá.

Maria – Todo mundo ficava em casa esperando o Divino Espírito Santo, hoje nem graça tem. Quando o Espírito Santo chega em sua casa, chegam três pessoas.

Nenhuma dessas manifestações acontece ainda?

Maria – De vez em quando acontece, mas acabou.

Domingos – De primeiro não tinha baile, não tinha nada, eram só essas danças mesmo. E nossos pais também não gostavam de a gente mexer com baile e forró, não gostava.

Maria – Eu mesmo choro lá em casa, porque o mundo acabou e ninguém viu. Porque a gente via um rio passar, o Sabará não dava passagem para ninguém, nas águas. Só tinha um lugar onde a gente passava nele. Porque não passava de tão forte que ele era. E hoje a gente tira areia de dentro dele para fazer reboque, dá para gente chorar. Hoje não tem lugar nenhum para fazer uma roça. Se a gente quer comer um mingau, que não tem um fundinho de terra no fundo da casa, tem que comprar o milho para fazer o mingau ou um angu. Eu era mulher de plantar três quartos de milho, hoje eu não planto nem meia medida, porque não tem terra.

Sebastião – Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto, mas não sai mais nada.

Maria – Antes era jambeiro, laranjeira, mangueira. A gente apanhava jambo assim por cima das casas, que caía. Hoje nem dá para saber que tinha.

Domingos – Cafezal, era de tudo, quando tinha água. Era uma vida rica, porque quem tivesse coragem de trabalhar tinha as coisas. Ainda trabalho todo dia, mas...

Vocês vivem de quê?

Domingos – Ainda mexo com milho, tenho duas vacas. Mas agora não tem capim para comer, então precisa comprar uma raçõzinha. E vai levando a vida.

Maria – Se tem duas, vende uma para comprar ração para a outra. Tem coisas que não vamos ver mais nunca. Quando tinha meu pai, eu lembro de ver os canaviais. Tem vezes que olho e penso que foi um sonho. Meu pai tinha um canavial lá que, se mostro para

vocês hoje o lugar, vocês vão pensar que é mentira. As trincas que têm no chão dão para colocar as mãos.

Domingos – Quem conheceu Sabará antigamente, era rico na água.

Maria – Antes fazia as plantações, de cebola. Hoje vai lá para ver? Por isso que ninguém fica mesmo. Eu sou mãe, e se falo para um filho ficar mais, eles respondem que se ficarem morrem com o tempo, não tem água nem para beber e nem para tomar banho. É difícil.

Domingos – O pior de tudo que, infelizmente, ninguém é culpado disso. A gente se criou naquela fraqueza, não estudou. Nossos pais criaram a gente nesse ramo da lavoura. E até hoje ainda levo minha vida. Meus meninos não formaram, mas estudam. Então, como o caso dela, só está eu e minha veia em casa, sozinhos. Se quiser fazer a vida, ganhar o pão, fazer alguma coisa, precisa sair. Eu tenho quatro filhos, três moram em Curitiba e uma menina mora em São Paulo. Mas é assim aqui, é difícil.

Maria – Se a gente tivesse uma água no terreno dava para fazer até uma hortinha. Imagina, sozinha, ou duas pessoas, com uma hortinha, dava para viver. Quando a gente tem uma água, a gente tem mais ciúme dela do que comer.

Domingos – Eu vivo da roça até hoje, fome a gente não passa.

Sebastião – Feijão e arroz, graças a Deus, não falta na mesa.

Maria – Mas esse arroz e feijão vêm do armazém. Porque no tempo que era bom, quanto feijão tinha lá. Até o capim está morrendo porque não está resistindo mais.

Gostaria de perguntar qual a religião de vocês, em Sabará, a maioria das pessoas?

Domingos – É católica.

Os pais, avós, todos eram católicos?

Domingos – Eram, todos.

E candomblé, não tinha?

Maria – Não tinha.

Nunca teve?

Maria – Nunca teve.

Vocês são de uma comunidade quilombola. Quando que vocês começaram a ter noção que vocês eram descendentes de ex-escravos? Falavam sobre isso quando vocês eram pequenos, os pais, os avós?

Maria – Falavam. Eles falavam que tinham os escravos, e nós ficávamos pensando de como seria. Meu pai e mãe cansavam de falar isso com a gente. Só que quando a gente é menina, mais nova, colocava aquilo na cabeça, mas não entendia nem o que era. Mas hoje a gente sabe e lembra que os pais falavam.

Tinham umas velhas lá em casa, a vovó Celina, elas falavam do povo escravo, e de que a mãe dela tinha sido vendida. Que ela se criou sem conhecer a mãe dela. E eu danava chorar e perguntava de como ela tinha vivido sem a mãe. Ela falava que não tinha jeito, e que tinha que fazer o que os homens faziam, se não apanhava. Pois eles compravam.

Domingos – Tem uns valos velhos no meio da mata, falam que era do tempo da escravidão. Uns valões, que diz que no tempo da escravidão punha os que não podiam com nada, tinha que trabalhar e fazia aquilo. Mas eu mesmo não cheguei a conhecer não.

Agora falando sobre a festa que vocês tinham, a Festa do Divino, que dia era comemorado?

Domingos – Dia 24 de junho.

Hoje em dia vocês não fazem todo ano essa festa?

Maria – Faz todo ano, este ano mesmo já passou na nossa casa. Só não é como era antigamente. A gente gostava de fazer rapadura.

Como era a festa, como vocês organizavam?

Maria – Chegava aquele tanto de gente na casa da gente, com o Divino Espírito Santo, e de noite o povo sambava a noite toda. Primeiro rezava o terço e depois cantava O Nove, dançava batuque, dançava Roda. No outro dia dava o almoço e tornava a sair. De noite o pouso era em outra casa. Agora hoje tem tão pouca gente, que o povo já saiu até em três, um com a caixinha, outro recebendo dinheiro e outro para o Divino Espírito Santo. Só três, chegam na sua casa, você dá a jantinha, o pessoal come e já vai dormir. Acabou tudo. Mas a festa do Divino, em Minas Novas, continua do mesmo jeito.

E qual era a comida nessas festas?

Maria – Era feijão, arroz, galinha, um molho de abóbora ou molho de mamão. Se tivesse ali uma alface, salada, muito biscoito com café. Era um prazer, a alegria do povo.

Vocês ainda mantêm a mesma comida que seus pais faziam, que os avós faziam, vocês mantêm?

Maria – Tem. Até hoje a gente ainda faz do mesmo jeito.

O que vocês fazem?

Maria – A comida natural nossa é feijão com arroz, um molho. O dia que a gente pode tem uma carne. Carne de porco, ou boi, ou galinha. Também macarrão, ou verdura.

E biscoito, bolo, essas coisas vocês não fazem?

Maria – Faz.

O que vocês comem quando eram crianças?

Sebastião – Olha, eu mesmo comia raiz do mato, raiz de mucunã. Lavava ela, que nem a mandioca, ralava. Naquele tempo nem rapadura quase não usava. Moía cana, furava uns buracos num pau, tocava aquela garapa e adoçava com ela. Eu já passei de tudo.

Maria – E quem não tinha socador, socava no pilão e colocava nela.

Sebastião – Hoje se você não tem, vai no comércio e compra. Antigamente era só quem tinha, e quem tinha as coisas nem olhava para nós. Nós tínhamos que trabalhar o dia

inteirinho, e quando era de tarde, ganhava só um pouquinho de arroz, e de canjiquinha de milho. Um pouquinho de rapadura e canjiquinha e ia embora. E ainda escutava assim: “depois amanhã eu quero você de novo aqui”, era assim.

Maria – É, os homens eram sofredores. Trabalhava para trazer um pouquinho para as mulheres e os filhos comer, e no outro dia tinha que voltar de novo para ganhar mais. Mas o tempo era bom. Você trabalhava e tinha as coisas para comer. Hoje não, hoje todo mundo pode comer melhorzinho. E o povo velho aposenta, porque, se não, como faria? Porque hoje, se eu fosse capinar umas duas covas de milho, estava morta.